

UMA ANÁLISE ARQUEOTANATOLÓGICA EM TRÊS HIPOGEUS: OS CONTRIBUTOS DOS SÍTIOS DE MONTE CANELAS I (PORTIMÃO) E DO MONTE DO CARRASCAL 2 (FERREIRA DO ALENTEJO) PARA A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NOS 4º E 3º MILÉNIO A.C. NO SUL DE PORTUGAL

AN ARCHAEOANTHROLOGICAL ANALYSIS OF THREE HYPOGEA: THE CONTRIBUTION OF MONTE CANELAS I (PORTIMÃO) AND MONTE DO CARRASCAL 2 (FERREIRA DO ALENTEJO) TO THE UNDERSTANDING OF 4TH AND 3RD MILLENNIA BC FUNERARY PRACTICES IN SOUTH PORTUGAL

Maria João Neves¹ e Ana Maria Silva^{1,2}

RESUMO

Apesar dos hipogeus (ou grutas artificiais) serem explorados desde a década de 1870, é apenas da última década do século XX que um destes monumentos é pela primeira vez alvo de uma intervenção levada a cabo por arqueólogos e antropólogos – o Hipogeu de Monte Canelas I. Aqui, o tipo de registo efectuado permitiu realizar uma análise arqueotanológica do sítio, vinte anos após a sua escavação, devidamente balizada por um conjunto de datações de radiocarbono.

Já nos finais da primeira década do séc. XXI, uma outra intervenção de Arqueologia no Monte dos Carrascal 2, sito nas imediações do grande sítio de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), permitiu recolher dados aturados acerca das práticas funerárias ali levadas a cabo. A escavação arqueotanológica de dois destes sepulcros veio lançar luz sobre as modalidades de gestão e tratamento dos mortos naqueles sítios, numa perspectiva sincrónica e diacrónica, enquadrada radio-cronometricamente. Apresentam-se aqui os resultados dos estudos realizados nestes três sepulcros colectivos, procurando-se caracterizar e identificar os traços comuns e aqueles que individualizam cada um dos monumentos, no que respeita ao tratamento dos mortos nos 4º e 3º milénio a.C.

PALAVRA-CHAVE: Sepulcros colectivos; 4/3º milénio a.C.; Hipogeus; Monte Canelas I; Monte do Carrascal 2

¹ CIAS - Research Centre for Anthropology and Health. Department of Life Sciences, University of Coimbra, 3000-456 Coimbra, Portugal

² UNIARQ, Universidade de Lisboa; e-mail para correspondência: maria.neves@ci.uc.ptXimi, sequiatur? Uciti quias quos comininctae labor aut ut abore sequiditiore ea volupta tusame deliquam, eossuntur, comnit, intion platur recuptatqui dolore dolor sequam sandigendus unt ulpa volcete mporibea quasper ferspitem quist, quidesequam volum repere dunt aut la nis excerum faceatem ad qui cuptae. Et quam est volo com exerferibus alit et qui dolores re voluptia vit poreum ut quassunt

ABSTRACT

Although hypogea or artificial caves have been explored since the 1870s it was only in the late 20th century that one of these monuments was carefully excavated by a team of archaeologists and anthropologists — Hypogeum of Monte Canelas I. This site allowed a detailed analysis of anthropological, radiocarbon dating and spatial information.

In 2011, another intervention permitted to collect a considerable amount of data concerning funeral practices carried out in Monte dos Carrascal 2, a necropolis located near the large site of Porto Torrão (Beja, Portugal).

The archaeoanatomological excavation of two of these tombs shed light on the modalities of management and treatment of the dead in those sites, in a synchronous and diachronic perspective, radio-chronometrically contextualized.

The results of the studies carried out in these three collective tombs are presented here, aiming to characterize and identify the common traits and those that individualise each of the monuments, regarding the treatment of the dead in the 4th and 3rd millennium BC.

KEY WORDS: Collective graves; IV/III millennium BC; Hypogea; Monte Canelas I; Monte do Carrascal 2

1. INTRODUÇÃO:

Os hipogeus ou grutas artificiais são conhecidos na Península Ibérica desde a década de 1870 (Gálan, 1986). Desde então e até à segunda metade do séc. XX, acumularam-se uma série de colecções osteológicas frequentemente truncadas, cuja contextualização arqueológica era muitas vezes incompleta, dando por isso respostas insuficientes no que respeita quer à caracterização paleobiológica da população ali depositada, quer ao conhecimento das práticas funerárias pretéritas (Silva, 2002; Boaventura, 2009; Neves e Silva, 2010; Boaventura et al. 2014). Foi apenas em 1993, aquando da identificação do Hipogeu Neo-Calcolítico de Monte Canelas I (Alcalar, Portimão) que pela primeira vez se levou a cabo uma operação de salvamento que contou com a participação conjunta de arqueólogos e antropólogos físicos (Parreira e Serpa, 1995; Silva, 1996; Silva e Parreira, 2010). Foi desenhada uma intervenção cuidada e orientada para responder a três questões fulcrais (e que até então eram de difícil resposta em contextos semelhantes): a quem pertenciam os ossos ali encontrados; quando é que ali tinham sido depositados; e quais as práticas funerárias ali levadas a cabo.

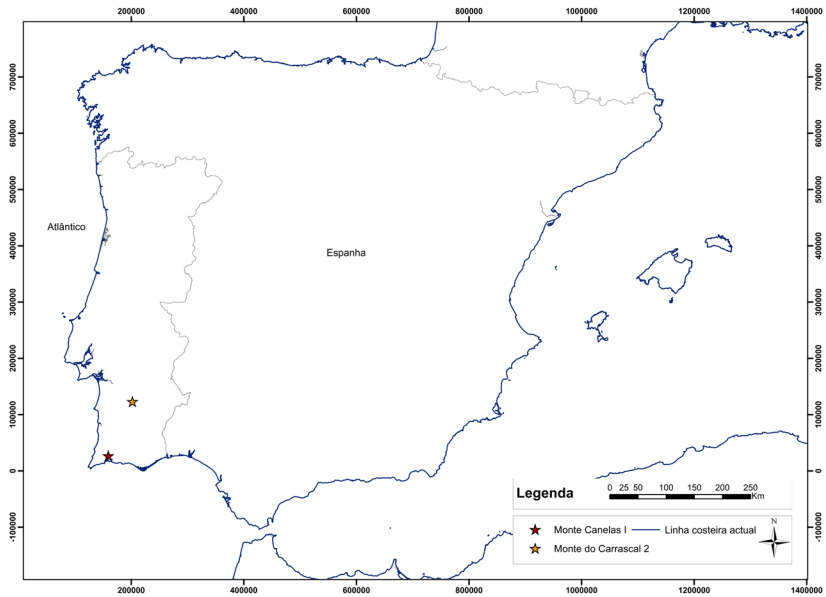


Figura 1 – Localização dos dois núcleos sepulcrais em análise no texto: Monte Canelas 1 e Monte do Carrascal 2. Dados cartográficos: ESRI, S.A., Dryas Arqueologia. Datum_73_Hayford_Gauss_IGeoE.

Tendo sido em 1996 concluído o estudo antropológico da série por Silva, a sua análise arqueotanológica permaneceu por realizar durante várias décadas (Neves e Silva, 2010), tendo sido apenas entrevista a partir de 2011, altura em que finalmente se viram reunidas as condições (técnicas e financeiras) para proceder a tal investigação (Neves, em preparação).

Tal estudo, orientado essencialmente para a documentação das práticas e dos gestos funerários levados a cabo com base nos princípios da Arqueotana-tologia, centrou-se na análise dos registos da escavação congregados com as informações antropológicas numa base de dados SIG.

Também em 2011 surgiu a oportunidade de dar continuidade à escavação de dois hipogeus no Alentejo interior, no Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja), nas imediações do grande sítio Neo-Calcolítico do Porto Torrão, sendo então possível implementar e testar um protocolo de escavação arqueotanológico elaborado no quadro da dissertação de uma de nós (Neves, em preparação).

Assim, neste trabalho apresentam-se e discutem-se os dados alcançados com as análises destes três hipogeus (Fig. 1), perspectivando-se novas análises

capazes de sustentar uma melhor compreensão das práticas funerárias nos 4º e 3º milénios a.C.

2. PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ARQUEOTANATOLOGIA

É premissa fundamental deste trabalho o assentar da análise dos hipogeus numa análise arqueotanatólogica, isto é, num conjunto de procedimentos orientados para a recolha pormenorizada do registo osteológico e da informação contextual que lhe está associada, dados fundamentais à percepção das alterações que os cadáveres sofrem desde a sua deposição (Duday, 2010; Zemour, 2016).

Tal análise é essencial à compreensão de qualquer contexto funerário, mas é-o mais ainda em contextos funerários complexos, como é o caso dos sepulcros colectivos.

É uma abordagem dinâmica cujo alcance para a compreensão dos comportamentos funerários inclui os conceitos de cadeia operatória e de tempo funerário – entendido na sua acepção biológica, antropológica e arqueológica (Pereira, 2013).

O conceito de cadeia operatória evoca as transformações sucessivas que o cadáver sofre, permitindo a destriça entre as etapas de transformação a partir da imagem estática dada pela escavação do contexto sepulcral ou mortuário (Pereira, 2013; Zemour, 2016). Ulteriormente, a comparação das diversas cadeias operatórias registadas à escala da necrópole permite identificar os tempos e os gestos levando assim ao reconhecimento dos comportamentos funerários dentro ou fora da norma (Valentin *et al.*, 2016).

Para tal é imprescindível a crítica tafonómica dos restos e contextos, essencial à identificação de um gesto funerário ou uma distorção provocada por um qualquer factor tafonómico (Janaway, 1996; Ferreira, 2012; Stjerna, 2016).

Para além das distorções tafonómicas que podem afectar a preservação dos contextos funerários, interessa à Arqueotanatologia identificar o tipo de deposição – primária ou secundária – a que os cadáveres foram sujeitos, sendo tal discussão particularmente relevante no que concerne a toda a discussão em torno das práticas funerárias dos 4º e 3º milénios cal. a.C. (Silva, 2002; Boaventura *et al.*, 2014; Silva *et al.*, 2017).

Relembrando rapidamente, uma inumação primária corresponde a uma situação em que o corpo não é deslocado para fora do local onde é depositado originalmente, não ocorrendo por isso os designados funerais duplos. O cadáver é deposto num local definitivo onde se desenrolarão os processos de decomposição cadavérica conducentes à esqueletização e,

depois, à dissolução completa (salva a fossilização) dos vestígios humanos (Ferreira, 2012). Assim, o seu reconhecimento é baseado essencialmente na presença da (quase) totalidade dos ossos, sobretudo daqueles suportados por conexões lábeis (Duday, 2010). Este tipo de conexão, presente essencialmente nas falanges das mãos e dos pés, é alvo de uma rápida decomposição, em oposição à das conexões osteológicas persistentes que se libertam das suas estruturas de contenção num momento mais tardio da decomposição. Estas últimas incluem a atlanto-occipital, a coluna lombar, a sacro-ilíaca, a tíbio-femoral, a tíbio-társica e a dos ossos do tarso. A presença de pequenos ossos, como as falanges ou os ossos do metatarso e do metacarpo, são também um indicador de uma inumação primária (Neves *et al.*, 2012; Duday, 2010; Knüsel, 2014).

Como a cedência das conexões lábeis pode suceder num clima temperado em apenas algumas semanas (Duday e Guillon, 2006), a presença de conexões lábeis ou dos pequenos ossos mantidos por essas conexões são tidos como indicadores fiáveis para identificar o carácter primário de uma sepultura de inumação, ainda que haja uma panóplia de situações em que se podem registar excepções: mumificação das extremidades (Sellier *et al.*, 2013); acondicionamento dentro de luvas, meias, sapatos, etc...

A posição da totalidade dos ossos é outro dos elementos fundamentais à compreensão arqueotanatológica dos contextos funerários. Como os processos de decomposição cadavérica conduzem ao esvaecimento progressivo dos tecidos moles, ao surgimento de espaços vazios no interior do espaço corporal e à ruptura progressiva das articulações, observa-se frequentemente a migração de peças esqueléticas para fora da sua posição original, indicando assim o tipo de ambiente em que o cadáver se decompôs (Pineiro, 2006; Duday, 2010; Neves *et al.*, 2012; Ferreira, 2012). A posição dos ossos é também particularmente informativa acerca de estruturas percíveis, entretanto desaparecidas. Os “efeitos de parede” constituem um dos testemunhos dessas estruturas (Zemour, 2016).

O deslocamento dos ossos, nomeadamente o tipo e a sua amplitude, são portanto condicionados pela natureza do ambiente deposicional, que pode ocorrer em espaço aberto, fechado ou com uma colmatação progressiva (Duday 2009).

Para realizar esta inferência são avaliadas pelo menos a movimentação de quatro grandes regiões anatómicas com valor diagnóstico: o colapso da cintura escapular; o abatimento da caixa torácica; a deslocação parcial da coluna; e, o colapso da cintura pélvica (Neves *et al.*, 2012).

A inexistência de barreiras físicas que impeçam a movimentação dos ossos,

como sedimento ou estruturas e materiais perecíveis junto ao cadáver leva à sua movimentação e conseqüentemente à identificação da decomposição em espaço aberto. Nestes casos, os cadáveres não são assim cobertos, permanecendo expostos ou jacentes sobre uma qualquer superfície. Por este motivo, quando tal acontece em locais visitados amiúde, como é o caso dos sepulcros colectivos, caso os cadáveres se encontrem depositos à superfície ocorrem deslocações dos ossos para fora do volume corporal.

A ocorrência de fenómenos naturais (lixiviação, por exemplo) ou a acção de necrófagos podem ser também responsáveis pela acumulação de ossos sem conexão anatómica, de dimensões que podem variar entre o tamanho reduzido a grande. Também os animais de pequeno porte podem ser responsáveis pela acumulação de ossos ou outros objectos em partes específicas dos sítios ou mesmo dentro de crânios.

A entrada e a deposição de novos corpos pode também ser responsável por alterações na posição dos elementos esqueléticos anteriormente depositados (Chambon, 1999). Deste modo, a identificação de ligações osteológicas de segunda ordem – fragmentos do mesmo osso, ossos simétricos, com contigüidade articular, com lesões patológicas correlacionáveis ou que apresentem o mesmo estado de maturação – constitui a chave para identificar a evolução pós-deposicional do sítio, potenciando a capacidade de reunir elementos capazes de iluminar as utilizações sepulcrais destes locais.

Por fim, a cronologia interna das deposições é de fundamental para a compreensão da utilização do sítio sincrónica e diacronicamente. Contextos colectivos, extremamente complexos, exigem não só a identificação de cada osso, da pertença a cada um dos indivíduos, como a notação da relação estratigráfica entre os diversos elementos.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Com vista a realizar uma análise arqueotanatómica dos três hipogeus foi desenhada uma estratégia que incluía a análise dos documentos existentes para Monte Canelas I, compilados e analisados depois em ambiente SIG, e um protocolo de terreno e posterior análise de dados também em ambiente SIG para o Monte do Carrascal 2.

Deste modo, para Monte Canelas I foi utilizado o amplo acervo documental resultante da escavação que incluía: a planta geral do sítio; planos e perfis à escala 1/20; planos à escala 1/1 dos planos onde tinham sido identificados os vestígios osteológicos; o relatório de escavação; o inventário de material osteológico; a cartografia topográfica e geológica; e, as fotografias dos trabalhos de campo.

Para o Monte do Carrascal 2 a intervenção foi orientada de acordo com os princípios da Arqueotematologia, tendo-se implementado e testado um protocolo de recuperação de vestígios osteológicos (Neves, em preparação).

A escavação dos dois hipogeus foi realizada manualmente, por unidades estratigráficas definidas com base nas características geológicas e estruturais dos depósitos ou com base na identificação de contextos arqueológicos. A implantação duma quadrícula do sítio, com unidades mínimas de 50x50 cm, visou facilitar a leitura e interpretação da estratigrafia e obter um corte estratigráfico longitudinal de acordo com o eixo maior das estruturas. Possibilitou ainda a recuperação do material crivado referenciado espacialmente. Os trabalhos de Arqueotematologia foram realizados de acordo com as recomendações de Duday (2009). A totalidade dos ossos e material arqueológico foram georreferenciados, inventariados, registados graficamente sobre ortofoto e embalados de forma individualizada (Neves, em preparação). A análise dos parâmetros do perfil biológico foi feita com recurso aos métodos compilados por Buikstra e Ubelaker (1994) e Scheuer e Black (2000). Utilizou-se ainda o método de Wasterlain (2000) para a diagnose sexual. A recolha de dados osteométricos foi realizada de acordo com as recomendações de Olivier (1960).

Os elementos gráficos foram vectorizados mediante a criação de *shapefiles* na extensão *ArcCatalog* (10.2.2), tendo sido depois importados e editados na extensão *ArcMap* (10.2.2). Os objectos vectorizados estão associados a uma base de dados onde constam as informações relativas aos elementos osteológicos e arqueológicos. Os trabalhos de análise espacial e de elaboração de mapas de distribuição dos vestígios constaram de uma análise exploratória mediante a selecção e a classificação de dados geo-espaciais de acordo com a sua localização e atributos.

4. PRÁTICAS FUNERÁRIAS NOS HIPOGEUS DE MONTE CANELAS I E MONTE DO CARRASCAL 2

4.1. Monte Canelas 1

Este hipogeu é constituído por duas câmaras de perfil abobadado, sendo o seu acesso realizado a partir duma rampa na câmara Norte que comunica com a Sul através duma estreita passagem. Na primeira câmara existia também um pequeno nicho.

A utilização do sepulcro, bem como a sua derrocada mais ou menos constante, terá ditado a colmatação da entrada original, passando o seu acesso a ser realizado por uma claraboia.

A planta integral do monumento é desconhecida dado que o sepulcro foi

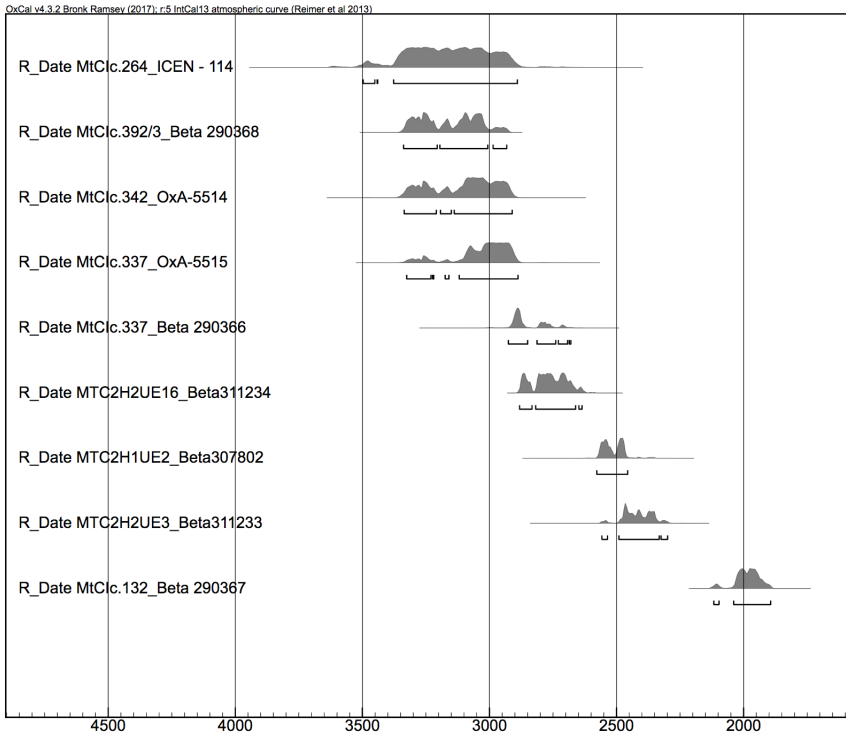


Figura 2 – Dados calibrados dos Hipógeus de Monte Canelas (MtCl) e Monte do Carrascal 2 (MtC2), Hipógeu I (HI) e Hipógeu 2 (H2).

truncado longitudinalmente aquando da abertura dum arruamento, motivo da sua escavação (Parreira e Serpa, 1995).

A estratificação comporta duas fases de utilização funerária diferenciadas, separadas por um denso nível de derrube, e de diferentes cronologias (Fig. 2). A mais antiga integra-se nos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.C. e a mais recente já em finais do 3º milénio a.C.

A escavação permitiu recuperar 7749 peças esqueléticas pertencentes pelo menos a 171 indivíduos repartidos pelos dois níveis funerários (Silva, 1996). No nível inferior, o mais antigo, terão sido depositados pelo menos 147 indivíduos, dos quais 97 são adultos – 38 mulheres, 15 homens e 12 de sexo indeterminado – e 50 não adultos (Silva, 1996).

Os restos esqueléticos surgem na sua vasta maioria desprovidos de conexão anatómica, tendo sido apenas identificados cinco esqueletos, dois dos quais bastante incompletos. Esta fragmentação e remobilização dos

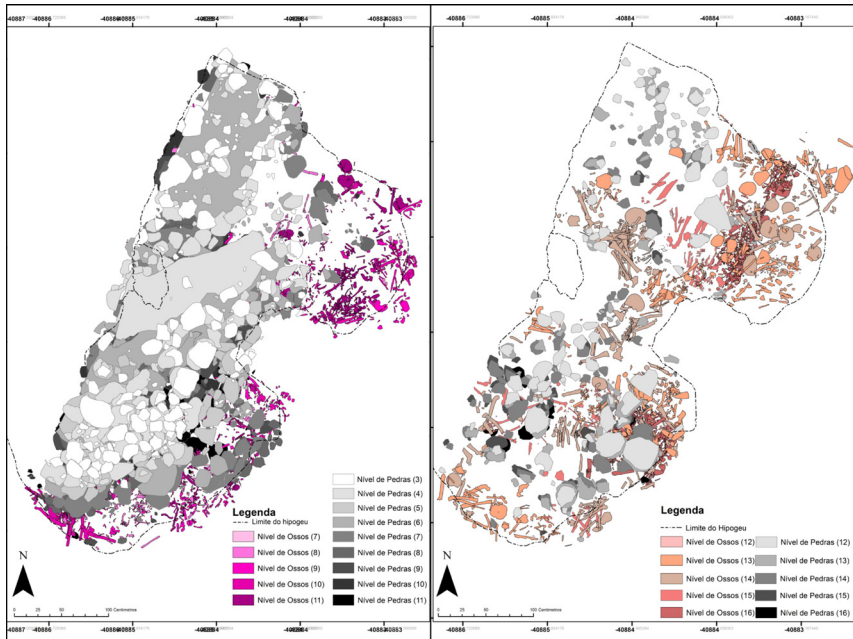


Figura 3 – Representação do nível superior (à esquerda) e do nível inferior (à direita) de Monte Canelas I. Importa notar o acumulado de clastos no nível superior que condiciona de sobremaneira a distribuição dos vestígios humanos.

ossos dificultaram a leitura dos gestos e das práticas funerárias. Ainda assim foi possível identificar o modo de deposição para quatro dos cinco indivíduos: três encontravam-se depositos em posição fetal e um em posição flectida. Dos cinco foi possível observar que pelo menos três foram colocados com os braços flectidos. Quatro deles foram depositos sobre o lado direito e apenas um sobre o esquerdo (Silva, 1996; Silva e Parreira, 2010). No que toca à orientação, três estavam no sentido nordeste-sudoeste e um no sentido nor-nordeste/su-sudoeste, estando todos com a cabeça orientada para a entrada do hipogeu. Num caso não foi possível identificar a orientação em que o indivíduo tinha sido depositado (Silva, 1996). O abatimento constante de pedras do topo e das paredes da estrutura condicionou a preservação do material esquelético e a sua distribuição espacial, já que surgem acantonados sobretudo junto às paredes do hipogeu, onde os desmoronamentos parecem ter sido menos importantes (Fig. 3). No que concerne ao ambiente de decomposição cadavérica, e uma vez que a vasta maioria dos elementos esqueléticos não possui qualquer conti-

nuidade anatómica; que as conexões lábeis e persistentes quando identificadas se encontram em descontinuidade anatómica; e, que os níveis funerários são essencialmente formados por ossos fragmentados intercalados por finas deposições de sedimentos e pedras; pode admitir-se que os cadáveres ficariam frequentemente depositos na superfície do hipogeu até à decomposição dos tecidos moles e do colapso das ligações osteológicas. No nível superior apenas foram depositados pelo menos 12 não adultos e 12 adultos: um de sexo masculino, sete femininos e quatro de sexo indeterminado (Silva, 1996).

O espaço para realizar novas deposições ter-se-ia visto mais reduzido, já que a acumulação de vestígios dos níveis inferiores o terá assim ditado. O continuo desmoronamento e provavelmente uma utilização mais parca do monumento, ilustrada no número mais reduzido de inumados e na perda quase sistemática de conexões anatómicas (Silva, 1996) terá contribuído para o aspecto aparentemente caótico do nível funerário.

Face ao contacto directo dos ossos e dada a perda de continuidade óssea sistemática, é de crer que os cadáveres fossem simplesmente deixados na superfície do hipogeu, sem serem cobertos por terra. A decomposição em espaço aberto, à semelhança do registado para o nível inferior, facilitaria ulteriormente a perda de continuidade óssea e a dispersão dos ossos humanos, mais sujeitos à gravidade, à acção da fauna, antrópica e de eventos geológicos.

Quanto à utilização do espaço é a câmara sul, a mais recôndita e protegida, aquela que foi mais utilizada para realizar as deposições funerárias, prolongando-se também durante mais no tempo, o seu uso. Note-se uma vez mais que são as áreas onde existem menos amontoados péticos, aquelas onde se regista uma maior acumulação de vestígios esqueléticos. Esta câmara foi a mais utilizada, sendo inclusivamente a única em uso no último momento do hipogeu. O nicho lateral foi também intensivamente utilizado como local de arrumação de vestígios esqueléticos, já que nesta área não foi identificada nenhuma ligação osteológica de segunda ordem.

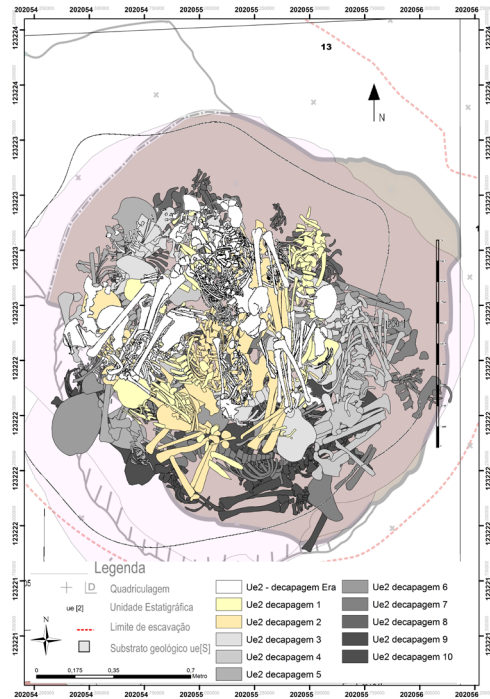
4.2 Monte do Carrascal 2

4.2.1 Hipogeu 1

A área escavada possibilitou a identificação de uma câmara, com uma abertura no topo, de morfologia sub-circular que se vai alargando do topo da estrutura para a base e cujo acesso na fase final se fazia a partir duma abertura no topo, tipo coelheira.

No total e para todo o hipogeu foram recuperadas e coordenadas 4679 peças esqueléticas.

Figura 4 – Planos dos esqueletos em conexão identificados no Hipogeu I do Monte do Carrascal, agrupados por decapagem. A distribuição espacial dos elementos esqueléticos evidencia a existência de efeitos de parede reveladores de estruturas não pétreas entretanto desaparecidas.



Dado que a ue [2] foi intervencionada numa área maior do que as restantes unidades escavadas (4 m² face a 0,75 m²), 78% das peças esqueléticas provém desta unidade. As restantes unidades estratigráficas foram escavadas numa área periférica da câmara, podendo não ser representativas da totalidade do sepulcro.

Do total das peças ósseas, 2409 (51%) pertenciam a conjuntos esqueléticos em continuidade anatômica, correspondendo a 71 indivíduos.

Dos 71 indivíduos exumados, 49 eram adultos e 22 não-adultos. Entre os adultos incluíam-se dois adultos jovens e um idoso. Dos 49 adultos apenas foi possível diagnosticar o sexo em 24 indivíduos, pertencendo 21 ao sexo feminino e três ao sexo masculino.

O hipogeu apresentava um preenchimento inter-estratificado que incluía nove níveis estratigráficos, agrupados em seis fases. Da mais recente para a mais antiga temos:

A) o abandono da utilização do hipogeu enquanto espaço sepulcral e a entrada de depósitos sedimentares e clásticos a partir do topo da estrutura (ue[1]);

B) um aproveitamento mais intenso e prolongado do espaço sepulcral (ue [2]). Aqui, foram recuperados 62 indivíduos (22 são não adultos e 40 adultos repartidos por dez decapagens arqueológicas. O número de indivíduos depositado em cada decapagem varia entre um mínimo de quatro e um máximo de dez indivíduos (Fig. 4).

A análise arqueotanológica dos inumados bem como a sua distribuição espacial indicam que os indivíduos seriam depositados numa superfície não colmatada e delimitada por uma estrutura entretanto desaparecida (não pétrea). A distribuição espacial dos esqueletos e ossos humanos, bem como a existência de claros efeitos de parede testemunham a sua existência.

Dos 62 indivíduos apenas foi possível identificar o modo de deposição em 35 casos: dois foram inumados em decúbito dorsal, 16 em decúbito lateral direito, oito em decúbito lateral esquerdo e nove em decúbito ventral.

Atentando ao modo de deposição do crânio, dos membros superiores e inferiores, ressalta sempre o número importante de observações que não puderam ser realizadas. Assim, em 75,81% dos indivíduos (N=47) não foi possível saber como se encontrava deposto o crânio. Para os restantes, dez estavam apoiados sobre a face direita e cinco sobre a esquerda. Em 40 casos não foi possível observar a posição dos membros superiores. Dos casos observáveis cumpre notar a presença de uma mulher com mais de 45 anos que apresentava os braços estendidos e paralelos ao corpo, enquanto que os restantes 21 indivíduos tinham os membros superiores flectidos. Dos 62 indivíduos escavados só foi possível averiguar a forma de colocação dos membros inferiores em 18 indivíduos: oito não adultos e 18 adultos apresentavam as pernas flectidas.

Para 19 não foi possível indagar a orientação das deposições já que a preservação dos esqueletos não o permitiu. Para os restantes, registou-se uma maior frequência de indivíduos depositados no sentido nordeste-sudoeste (N=16); sudeste-noroeste (N=9); e sudoeste-nordeste (N=7). No sentido oeste-este registou-se apenas uma deposição funerária.

A obtenção de uma data de 14C aponta para uma utilização do sepulcro na primeira metade do 3º milénio a.C. (cfr. Fig. 2);

C) um momento em que se regista um abatimento importante de parte da estrutura pétrea do hipogeu, materializado na acumulação de clastos de calço;

D) uma utilização intensa e sucessiva do hipogeu enquanto espaço sepulcral (ue[7];[6];[4]). Nestes depósitos foram identificadas diversas continuidades anatómicas sendo elevado o número de peças ósseas recuperadas. Atendendo à posição dos indivíduos as inumações poderiam ser

efectuadas a partir do topo e de forma sucessiva, muito embora os dados disponíveis sejam apenas parciais, não revelando uma visão total da área. Juntamente com as inumações regista-se uma penetração de elementos sedimentares e clásticos, constituindo a fracção matricial do depósito;

E) um momento em que o espaço sepulcral (ue [8]) na área escavada surge utilizado numa forma menos intensa ou rara; e,

F) uma fase que corresponde à utilização funerária mais antiga reconhecida – a ue [9], caracterizada essencialmente pela presença de peças ósseas sem continuidade anatômica, remexidas e amontoadas na periferia da estrutura, sugerindo uma organização do espaço sepulcral distinta das subseqüentes, em que os ossos seriam empurrados para a periferia. Ainda assim foi identificado um indivíduo em conexão anatômica (indivíduo nº63).

4.2.2 Hipogeu 2

O monumento 2 corresponde a uma grande estrutura sub-circular alargando-se para a base em todas as direcções, e com um corredor associado orientado a nascente.

A estratificação ilustra as diversas fases construtivas e de utilização da estrutura e de interrupção do seu uso. As duas datações disponíveis permitem balizar a utilização funerária entre o primeiro quartel (relativa a um indivíduo inumado na [ue16]) e meados do 3º milénio a.C. (um indivíduo da [ue3]) (cfr. Fig. 2).

No hipogeu foram identificados três níveis sepulcrais ([ue 3], [ue14] e [ue 16]), escavados parcialmente. Foram no total recuperadas 2966 peças esqueléticas. Destas, apenas 414 pertenciam a indivíduos em conexão anatômica, contabilizados num total de 48 indivíduos (Fig. 5). Dos 48, 36 eram adultos (sendo cinco homens, seis mulheres e 22 de sexo indeterminado), dois adultos jovens (um de sexo masculino e outro indeterminado) e sete não adultos. Para três dos indivíduos devido ao seu grau de fragmentação e incompletude não foi possível averiguar o grau de maturidade. Apenas num nível – a ue ([14]) – não foram identificados quaisquer vestígios osteológicos de não adultos.

O nível mais recente de utilização funerária, a [ue3], corresponde aquele onde foi encontrado o maior número de peças esqueléticas do sítio (N=2595). Destas, 2274 pertenciam ao grupo das peças osteológicas sem conexão anatômica, enquanto as restantes 321 pertenciam aos 38 indivíduos aqui inumados. Foi possível diagnosticar o estado de maturação em 2428 peças, pertencendo 2160 a adultos e 268 a não adultos.

Entre os ossos sem continuidade anatômica, pertencentes a não adultos e adultos, estão todos os tipos de peças ósseas, nomeadamente as que são

mantidas conexões lábeis como os pequenos ossos das mãos e dos pés. A percentagem de fragmentação francamente assinalável deve-se à acção de factores tafonómicos e alterações pós-deposicionais do sítio que se saldaram numa importante verticalização dos ossos humanos e deformação daquele nível arqueológico. Muitas das fracturas indiciam que a movimentação pós-deposicional dos depósitos ocorreu numa fase em que parte dos ossos não estava “seca”, tendo a deformação ocorrido quando parte dos cadáveres e/ou ossos tivessem ainda alguns tecidos, mantendo inclusivamente a conectividade anatómica.

Relativamente às conexões lábeis o número de casos em que estas não se conservam é muito significativo sendo sempre superior a 85%. Para as conexões anatómicas persistentes em mais de 84% dos casos não pôde ser observada a sua continuidade.

Foi possível identificar o modo de deposição apenas em sete indivíduos, sendo que cinco estavam depositados em decúbito dorsal e dois em decúbito ventral. Dois indivíduos apoiavam o crânio sobre a face direita. Os membros superiores encontravam-se flectidos em dois casos, não tendo sido possível averiguar este parâmetro nos restantes 36 casos. Os membros inferiores encontravam-se flectidos em cinco indivíduos.

Ainda que tenha sido possível averiguar o modo de deposição para estes 38 indivíduos, já a orientação levantou muitas dúvidas face ao estado muito incompleto dos indivíduos.

A análise da repartição espacial dos ossos vê-se bastante dificultada face às alterações pós-deposicionais que o depósito sofreu. No entanto, é possível observar que não existem padrões de fragmentação diferencial (os ossos surgem genericamente fragmentados em toda a área) ou de arrumação particular (adultos vs não adultos).

A outra unidade onde foram identificados restos osteológicos é a [ue14], sita no corredor de acesso à câmara do hipogeu. Aqui foram identificados cinco indivíduos adultos, dois femininos, dois masculinos e um de sexo indeterminado.

Este nível sepulcral foi também profundamente afectado ainda em tempos pré-históricos pela constituição sobre o nível funerário de um pavimento em calço compactado que recobria todo o corredor ([13]), resultando na ablação e da mobilização de algumas peças esqueléticas.

No que concerne às observações arqueotanológica notou-se a presença de algumas regiões anatómicas lábeis em conexão anatómica, possivelmente mantidas por algum elemento de contenção em tecido, couro ou num material vegetal. Relativamente às regiões mantidas por conexões persistentes

verifica-se a manutenção em conexão nalgumas, nomeadamente da região temporo-mandibular, túbio-fibular e dos ossos do tarso.

Foi possível averiguar o modo de disposição dos cadáveres em três casos, tendo sido um indivíduo depositado em decúbito lateral esquerdo, um em direito e outro em decúbito dorsal. O modo de disposição do crânio, assente sobre a face esquerda, foi observado apenas numa inumação. Também unicamente num caso foi possível inferir o modo de arranjo dos membros superiores, que se encontravam flectidos. Já para os membros inferiores foi registada a posição flectida apenas em dois casos.

Por fim, e no que concerne à orientação, dois indivíduos foram inumados no sentido este-oeste e um, possivelmente no sentido oposto, oeste-este. Em dois casos não foi possível identificar a orientação dos cadáveres.

Registou-se também a sobreposição de um número significativo de indivíduos o que pode significar uma utilização intensiva deste espaço naquela fase. A ulterior perturbação resultante da constituição do piso de calço limita a leitura dos gestos e práticas funerárias.

O nível funerário mais antigo, corresponde à [ue16], onde as primeiras deposições funerárias foram realizadas sobre a rocha de base. Restringem-se espacialmente à área da câmara funerária do hipogeu.

Nesta unidade foram recuperadas 221 peças esqueléticas: 219 ossos e dois dentes soltos. Dos 219 ossos humanos, 188 encontravam-se desprovidos de qualquer conexão anatómica, pertencendo os restantes (N=33) aos cinco indivíduos identificados no seio deste nível funerário (cfr. Fig. 5).

No que concerne aos indivíduos adultos em conexão, dois são masculinos, dois femininos e um de sexo indeterminado. Todos sofreram alterações tafonómicas resultantes quer de acções antrópicas, da passagem de pequenos animais e da acumulação de água das chuvas. A própria superfície dos ossos encontra-se muito alterada e fragilizada devido a alterações decorrentes da diagénese.

De forma a avaliar o ambiente de decomposição cadavérica foi anotado o estado de continuidade anatómica, tendo sido apenas num caso registada uma conexão lábil em continuidade anatómica. Os resultados obtidos apontam para que os indivíduos tivessem sido colocados directamente sobre o calço.

Também no que toca aos modos de deposição dos cadáveres, as informações reunidas são bastante diminutas. Dos cinco indivíduos só foi possível indagar o modo de deposição para um indivíduo que se encontrava colocado em decúbito dorsal. Um outro tinha os membros superiores flectidos.

Só num caso foi possível averiguar o sentido de deposição (oeste-este), não se tendo podido observar as orientações para os demais.

Para esta unidade os dados recolhidos nesta área devem ser encarados com alguma prudência, já que a área escavada é muito reduzida. Com efeito, seria necessária uma intervenção mais alargada para que se pudesse, com alguma segurança, caracterizar a utilização sepulcral desta fase.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta o número de hipogeus conhecidos no território português, a análise destes três contextos é necessariamente insuficiente para traçar um perfil aturado das práticas funerárias deste tipo de sítio. No entanto, graças ao detalhe do trabalho de campo, à análise arqueotanológica dos remanescentes esqueléticos e ao seu efectivo numérico, estes três sepulcros constituem um bom ponto de partida para o conhecimento das práticas funerárias no seio de hipogeus construídos e utilizados entre os 4º e 3º milénios a.C.

Deste modo, e tendo em conta os resultados obtidos, é possível concluir que:

- os espaços funerários são bastante diversificados entre si, mesmo quando sítos no mesmo núcleo sepulcral. Tais diferenças são notórias ao nível das plantas e alçados, dos materiais escavados e utilizados no âmbito de reformulações arquitectónicas e das técnicas construtivas. A utilização de estruturas em materiais perecíveis encontra-se bem demonstrada e terá contribuído frequentemente para gestão dos espaços funerários.

- as datações obtidas, as estratificações complexas e diferenciadas, as reformulações arquitectónicas e o modo de utilização de alguns sepulcros (onde se nota a total desarticulação dos ossos humanos significativas da passagem de pelo menos alguns anos entre deposições) evocam utilizações longas com persistência da memória dos locais de enterramento durante largas gerações. Estas práticas serão enraizadas no final do 4º milénio sobrevivendo até quase aos finais do 3º milénio a.C.

- o tipo de ossos identificados (ainda que sem conectividade anatómica) e a identificação de esqueletos articulados comprovam o carácter primário destes locais. A ocorrência de práticas funerárias secundárias não pode ser completamente afastada, mas a sua ocorrência também não está de todo comprovada;

- os hipogeus são utilizados de forma consecutiva, justapondo-se directamente os cadáveres de não adultos e adultos de ambos os sexos, depositados na superfície dos sítios, jazendo uns sobre os outros directamente; o espólio que os acompanha, salvo raros casos, perde a ligação com o inumado

e integra o conjunto fúnebre;

— a decapagem cuidada e sucessiva dos níveis sepulcrais testemunha o ritmo das deposições, a sua sincronia e diacronia; o estado de preservação dos esqueletos, como é o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2, indica ora a passagem de curtos espaços de tempo entre as deposições dos inumados. Ao invés o estado de grande desarticulação de Monte Canelas I sugere a passagem de períodos mais espaçados, em que os restos perdem a continuidade anatómica;

— a existência de estruturas em materiais perecíveis como parece ser o caso na [ue2] do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 e possivelmente da [ue14] do Hipogeu 2, reconhecível mediante a análise da posição dos ossos em relação à arquitectura da anatomia humana, potencia a preservação da continuidade articular do material esquelético;

— no que concerne à colocação dos mortos, a prática dominante parece ser a colocação do cadáver em posição flectida, sobre um qualquer lado do corpo, ainda que surjam variantes; os corpos não são cobertos por sedimento, o que facilita a acção de diversos factores tafonómicos, como a própria acção de gravidade, da água das chuvas ou a acção de animais necrófagos de pequeno porte, responsáveis pelo transporte de ossos no seio dos sepulcros; as orientações de deposição são diversas, existindo indivíduos depositados em todos os sentidos dos pontos cardeais; e,

— a visitação aos sepulcros é feita com a intenção de depositar novos inumados, mas também de manter e reformular os espaços ou acondicionar e arrumar os remanescentes esqueléticos; a sobreposição de novos cadáveres sobre outros parece indicar o retomar de um novo ciclo funerário; os episódios de abatimento, desmoronamento e/ou colapso das estruturas provocam interrupções de uso, mas é sobretudo o esgotamento do espaço disponível para proceder novas inumações que dita o abandono das estruturas, nalguns casos centenas de anos após a sua utilização inaugural.

BIBLIOGRAFIA

- BOAVENTURA, R. (2009) — *As antas e o megalitismo da região de Lisboa. Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor em Pré-História. Policopiado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 412 p.*
- BOAVENTURA, R., FERREIRA, M.T., NEVES, M.J. E SILVA, A.M. (2014) — *Funerary practices and Anthropology during middle-late Neolithic (4th and 3rd millennia BCE) in Portugal: Old Bones, New insights. Anthropologie: 183 – 205.*
- BUIKSTRA, J. E UBELAKER, D. (1994) — *Standards for data collection from human skeletal remains. Arkansas. Arkansas Archaeological Survey Research Series.*
- CHAMBON P. (1999). *Du cadavre aux ossements – la gestion des sépultures collectives*

- dans la France Néolithique. Thèse de doctorat. Université de Paris I. 2 vol.
- DUDAY, H. (2010) — *The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeoethanatology*. Translated by Anna Maria Cipriani and John Pearce. Oxford: Oxford University Press. 148 p.
- DUDAY, H. E GUILLON, M. (2006) — *Understanding the circumstances of decomposition when the body is skeletonized*. In: Schmitt, A., Cunha, E. e Pinheiro, J. (eds). *Forensic anthropology and Medicine: complementary sciences from recovery to cause of death*. Humana Press. New Jersey: 117-158.
- FERREIRA, M. T. (2012) — *Para lá da morte: Estudo tafonómico da decomposição cadavérica e da degradação óssea e implicações na estimativa do intervalo pós-morte*. Tese de Doutoramento para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia Forense, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. 212 p.
- GÁLÁN, E. R. (1988) — *Análisis de las cuevas artificiales en Andalucía y Portugal*. Colegio Universitario de la Eábida. Publicaciones de la Universidad de Sevilla. 231 p.
- JANAWAY, RC. (1996) — *The decay of buried human remains and their associated materials*. In Hunter J, Roberts C, Martin A. (eds). *Studies in Crime: An Introduction to Forensic Archaeology*. London, B. T. Batsford: 58-85.
- KNÜSEL, C. J. (2014) — *Crouching in fear: Terms of engagement for funerary remains*. *Journal of Social Archaeology*. Vol. 14 (1): 26-58.
- NEVES, M.J. (em preparação) — *5000 anos na terra: Uma leitura arqueotanológica das práticas funerárias nos Hipógeus de Monte Canelas I (Alcalar, Portimão) e Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor. Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- NEVES, M.J., FERREIRA, M.T., ALMEIDA, M. E PINHEIRO, J. (2012) — *A importância dos processos de decomposição cadavérica para a interpretação do registo osteo-arqueológico*. *Almadan*. IIª série, nº17: 30-37.
- NEVES, M. J. E SILVA, A. M. (2010) — *L'hypogée funéraire de Monte Canelas I: révision des donnés et potentiel informatif*. *Antropo*. 22: 11-18.
- OLMIER, G. (1960) — *Pratique Anthropologique*. Vigot Frères, eds, Paris. 299 p.
- PARREIRA R. E SERPA F. (1995). *Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) no IV III milénios a.C. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Vol. 35 (3). pp. 44-47.
- PEREIRA, G. (2013) — *Introduction: une Archéologie des temps funéraires? Les Nouvelles de l'Archéologie*. 3: 3-7.
- PINHEIRO J. (2006) — *Decay Process of a Cadaver*. In Schmit A, Cunha E, Pinheiro J. (eds). *Forensic Anthropology and Medicine, Complementary sciences from recovery to cause of death*. Tottowa, Human Press: 85-116.
- SCHEUER, L. E BLACK, S. (2000) — *Juvenil developmental osteology*. London, Academic Press.
- SELLIER, P. e BENDEZU-SARMIENTO, J. (2013) — *Différer la décomposition : l e temps suspendu? Les signes d'une momification préalable*. *Les Nouvelles de l'Archéologie*: 3: 30-36.
- SILVA, A.M.S. (1996) — *O hipógeu de Monte Canelas I (IV-III milénios A. C.): estudo paleobiológico da população humana exumada*. *Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*. Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 217 p.

SILVA, A.M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final / Calcolítico*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Biológica. Policopiado. Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.

SILVA, A.M., GARCIA, M., LEANDRO, I., EVANGELISTA, L., TODRIGUES, T. e VALERA, A.C. (2017) – *Mortuary practices in Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Bio-anthropological approach to tomb 2*. Menga - Revista de Prehistoria de Andalucia. 8:71-87.

SILVA A.M.S. e PARREIRA, R. (2010) – *Hipogeu I de Monte Canelas: caracterização antropológica dos enterramentos in situ e das conexões anatómicas*. In: Gonçalves, V. e Sousa, C. *Transformações e mudança no centro e sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio A.N.E.* Câmara Municipal de Cascais: 421-428.

STJERNA, R.P. (2016) – *Death in the Mesolithic. Or mortuary practices of the last hunter gatherers Iberian peninsula, 7th-6th Millennium BCE*. Occasional papers in archaeology. 60. Uppsala University. 511 p.

WASTERLAIN, S. (2000) – *Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra de uma coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de mestrado em Evolução Humana. DAUC. Coimbra, 2000.

ZEMOUR, A. (2016) – *De l'anthropologie de terrain à l'archéologie de la mort : histoire, concepts et développements. Qu'est-ce qu'une sépulture ? Humanités et systèmes funéraires de la Préhistoire à nos jours*. XXXVIe rencontres internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes. pp. 23-34

